

Bom dia Contrasp



Edição 13477 - Quinta-feira, 19 de fevereiro de 2026



SE A PROFISSÃO NÃO É ESPECIAL, POR QUE QUASE NINGUÉM CONSEGUE CHEGAR AOS 60 ANOS NA ATIVA? Dados do Anuário de Segurança Pública apontam queda de 33% na força de trabalho após os 50 anos

A discussão sobre a aposentadoria especial do vigilante muitas vezes se perde em conceitos não aplicados a realidade da profissão, mas os números recentes trazem uma realidade incontestável: a segurança privada é uma atividade que "consome" a saúde do trabalhador muito antes da idade regulamentar de aposentadoria.

Se o risco não fosse excepcional, a curva demográfica da profissão seria linear. Mas o que vemos é um verdadeiro "abismo" após os 50

anos.

O Abismo Estatístico: Onde estão os vigilantes veteranos?

De acordo com os dados da Tabela 104 do Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2025, o mercado de segurança privada atinge seu pico de aproveitamento na faixa dos 40 aos 49 anos, com 233.424 profissionais ativos (36,3% do total).

Contudo, ao cruzar a barreira dos 50 anos, o contingente despenca para 156.474. Isso representa uma queda abrupta de 33% na força de trabalho.

A pergunta que fica: Se as empresas preferem profissionais experientes e maduros, por que 1 em cada 3 vigilantes desaparece das escalas de serviço ao atingir os 50 anos?

A resposta não está na falta de vontade de trabalhar, mas na incapacidade física e mental de sustentar o estado de alerta e o risco inerente à função.

Saúde Mental e o Ranking do INSS: O 9º Lugar do Medo

Não é apenas o desgaste físico. A saúde mental



do vigilante é bombardeada pelo estresse pós-traumático, pela pressão do disparo de alarmes e pelo risco iminente de morte.

Dados recentes de 2024 colocam a categoria de Vigilantes no 9º lugar do ranking nacional de afastamentos pelo INSS por transtornos mentais e comportamentais (como depressão, ansiedade e síndrome de burnout).

Estar no "Top 10" de doenças mentais entre centenas de profissões no Brasil é a prova cabal de que a exposição ao risco não é eventual, mas intrínseca e devastadora. O vigilante não adoece porque é frágil; ele adoece porque a carga de periculosidade da sua função é insustentável a longo prazo.

A Contradição da "Preferência" das Empresas
O argumento de que "empresas preferem vigilantes mais velhos" acaba por reforçar a necessidade da aposentadoria especial. As empresas buscam a estabilidade emocional e a experiência do profissional maduro, mas o próprio sistema de segurança as obriga a descartar esses profissionais quando os reflexos diminuem ou quando as sequelas psicológicas (comprovadas pelo 9º lugar no INSS) tornam a permanência no posto um risco para o próprio

trabalhador e para o patrimônio guardado.

Aposentadoria Especial é uma Questão de Justiça

Fundamentar a aposentadoria especial do vigilante através destes dados é demonstrar que:

1. Há um limite biológico claro: A queda de 33% após os 49 anos prova que a profissão impede o envelhecimento na ativa.
2. O risco é sistêmico: O 9º lugar em afastamentos por doenças mentais mostra que o dano à saúde é uma regra, não uma exceção.

Garantir a aposentadoria especial não é um privilégio, é o reconhecimento de que o vigilante entrega sua saúde física e mental para proteger a sociedade. Forçá-lo a trabalhar até os 65 anos é, na prática, condená-lo a um afastamento por invalidez ou ao desemprego por incapacidade operacional.

A prova está nos números. A justiça precisa estar na Lei. Todos pela aposentadoria especial PLP 42 JÁ!

Fontes:

Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2025 (Dados de 2024).

Ranking de Afastamentos do INSS por Transtornos Mentais (Dados 2024).



Presidente: João Soares
Secretária de Imprensa e Comunicação: Matias José Ribeiro
Produção, Diagramação e Arte: Amauri Azevedo

ED. CENTRO EMPRESARIAL BRASÍLIA, SRTVS QD 701 BL A
SALAS 315 E 316, ASA SUL BRASÍLIA -DF, CEP: 70340907

(61) 35320448 / 35320414

<https://www.facebook.com/contrasp>

https://www.instagram.com/contrasp_seg/

<https://contrasp.org.br/>